

A abordagem pessoana dos temas greco-latinos clássicos em Ricardo Reis

Maristella Gabardo¹

*"Reis is the nearest that Pessoa could come to being Caeiro. A disciple of Caeiro, Reis works paganism into an ethical doctrine, part epicurean, part stoic, yet conscious of, and kept clear of, a human environment conditioned by christianity; a doctrine for people in the modern world to live by, so as to suffer as little as possible."*²

Jonathan Griffin

As influências clássicas de Ricardo Reis se tornam evidentes desde a escolha pelo formato Ode (canção) para seu poemas até a apropriação dos grandes temas clássicos, utilizados em discussões centrais de sua obra.

Reis busca a simetria de versos (normalmente utilizando dez sílabas poéticas nos versos longos e seis poéticas nos versos curtos), também, a musicalidade de seus versos suscita dúvidas sobre o uso explícito ou não de rimas em seus poemas.

Sim, sei bem
Que nunca serei alguém.
Sei de sobra
Que nunca terei uma obra.
Sei, enfim,
Que nunca saberei de mim.
Sim, mas agora,
Enquanto dura essa hora,
Este luar, estes ramos,
Esta paz em que estamos,
Deixem-me me crer
O que poderei ser.³

Neste poema o heterônimo pessoano faz uso do **TRIKOLON**, conceito explicitado nas Páginas Íntimas e de Auto- Interpretação :

¹ Graduação Letras – UFPR.

² Pessoa, Fernando. Galaxy of Poets. Lisboa. 1985

³ Odes, p. 133

“Há um novo meio exterior além da palavra, para projetar a idéia em palavras através da emoção. Esse meio é o ritmo, a rima e a estrofe”

“Quanto mais fria a poesia mais verdadeira. A emoção não deve entrar na poesia senão como elemento dispositivo do ritmo, que é a sobrevivência longínqua da música no verso.”

E em seus poemas:

*Ponha na ativa mente o fixo esforço
Da altura, e à sorte deixo,
E as suas leis, o verso;
Que, quando é alto e régio o pensamento,
Súbita a frase o busca
E o **scravo** ritmo serve.⁴*

A música para Reis seria somente emoção, enquanto a poesia, só idéias, e o canto, uma junção dos dois. Isso inevitavelmente conduz à recordação de que a poesia era indissociada da música, cantada, nos períodos clássicos da Grécia. Ali, na poesia antiga, se unia a emoção às idéias, na voz do Aedo ou cantor/poeta lírico.

A sua forma de escrita elevada, com composições simétricas, se enlaça perfeitamente com a escrita latinizante utilizada em seus versos:

*“Bern sei, ó **Flava**, que inda”*

ou como

*“Tarda o que **spera**, e é nada”
“Um branco som de **spuma**”*

Outro ponto expressivo é que a maioria das musas que aparecem em Ricardo Reis são encontradas também em Horácio, como Lília ou Cloe. **O racional CARPE DIEM e a brevidade da vida :**

“Colhe o dia, porque és ele.”⁵

⁴ Odes, p. 158

⁵ Odes, p154

Um dos aspectos clássicos que chamam muita atenção dentro da arca de pensamentos de Reis é o uso da expressão *CARPE DIEM*, que foi verbalizada por Horácio na Ode *Ad Leuconoe* (ODE1.11).

*Tu ne quæsieris (scirenefas) quem mihi, quem tibi
Finem de dederint, Leuconoe, nec Babylonios
Temptaris numeros. Tt melius quicquid erit pati!*

*Seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam
Quæ nunc oppositis debilitat pumicibus mare
Tyrrenum, sapis, uina liques et spatio breui
Spem longam reseces. Dumloquimur, fugerit inuida
Aetas: carpe diem, quam minimum credula postero.*⁶

Nesta Horácio expõe o conceito de “aproveite” ou “colha o dia” de uma forma moderada, sem exacerbações, num equilíbrio natural típico da ‘aura mediocras’ que norteia seu fazer poético. Diferente de algumas acepções posteriores de *Carpe Diem*, como, por exemplo, a utilizada por alguns poetas barrocos que pregavam o *Carpe Diem* como o uso máximo do dia, cheio de emoções, aventuras e exacerbações. Como no poema de Reis:

*Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(enlacemos as mãos)
(...)
Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
Que gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes.*

*Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,
Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,
E sempre iria ter ao mar.*⁷

⁶ Achcar, Francisco. *Lírica e Lugar-comum alguns temas de Horácio. E sua presença em português*. Edusp. São Paulo. 1994

⁷ Odes, p23

Neste poema vê-se clara a influência estoicista de Sêneca, que vê a morte como um fato natural, consequência do nascimento.

VII 3-4: “Deve-se aprender a viver por toda a vida e, por mais que tu talvez te espantes, a vida toda é um aprender a morrer”⁸

Isso, em Reis, também se explicita em:

Não há tristezas
Nem alegrias
Na nossa vida.
Assim saibamos,
Sábios incautos,
Não a viver,

Mas decorrê-la,
Tranqüilos, plácidos,
Tendo as crianças
Por nossas mestras,
E os olhos
Cheios
De natureza...

À beira-rio
À beira-estrada,
Conforme calha.
Sempre no mesmo
Leve descanso
De estar vivendo.⁹

No qual se acentua mais uma vez o racional *Carpe Diem*. Nunca o extremo. Isto é, o heterônimo analisa se vale a pena ceder às grandes paixões e emoções, se a vida segue sempre para um fim certo, assim como um rio que corre para o mar.

“Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio”

⁸ Sêneca, Sobre a Brevidade da vida

⁹ Odes, p 13

“Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as no colo, e que o seu perfume suavize o momento”

A imagem, aqui, da flor marca, assim como na tradição clássica, a brevidade da vida.

*Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas-
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!
Coroai-me de rosas
E de folhas breves
E basta.¹⁰*

O ideal filosófico

“Ocorreu-me a idéia e a tornar (filosofia) um neoclassicismo “científico”(…) reagir contra duas correntes- tanto contra o romantismo moderno, como contra o neoclassicismo à Maurras(…)”¹¹

A filosofia estoica em geral tem como princípio a aproximação com a natureza. Esta é permeada de Racionalidade e bondade, matéria sobre a ação da razão. Sendo assim, pela cópia da natureza, o homem deve ser bom e racional. A flor nasce, tem o seu auge, dura 2 ou 3 dias e desfalece. O homem também, se não souber ser bom e racional, isto é, viver dentro da moral, terá a impressão de que teve pouco tempo de ápice, e início o seu esvaír-se, Não alcançando a ataraxia.

“II 1 : Por que nos queixamos da Natureza? Ela mostrou-se benevolente a vida, se souberes utiliza-la, é longa”¹²

Essa visão de passagem do tempo como algo inevitável faz um contraponto com a visão clássica, que considera a velhice como algo muitas

¹⁰ Odes, p18

¹¹ Lind, Rudolf Georg e Coelho, Jacinto de Prado. Páginas Íntimas e de Auto Interpretação- Fernando Pessoa. Ática. Lisboa

¹² Sêneca, Sobre a Brevidade da vida

vezes ultrajante e não belo. A própria passagem do tempo para a o ideal heróico grego é distinta, pois esta marca o tempo, ou a sua passagem e a sua importância, não só por ciclos cronológicos, mas pela quantidade de feitos heróicos realizados.

Sendo assim, o único conhecimento filosófico necessário é o de que morreremos um dia; por isso só a flor basta (retomando o pensamento clássico para o qual a flor simboliza a brevidade da vida), “Coroai-me, coroai-me de rosas, de flores e de folhas breve.” Esta é a principal função da filosofia na análise estoica, um fio condutor para ensinar a viver - e por que não a morrer, se a morte é uma consequência natural da vida.

*As rosas dos jardins de Adónis,
essas volúcras amo, Lídia, rosas,
que em o dia em que nascem,
em esse dia morrem.
A luz para elas é eterna, porque
Nascem nascido já o Sol, acabam
Antes que Apolo deixe
O seu curso visível
Assim façamos nossa vida um dia.
Inscientes, Lídia, voluntariamente
Que há noite antes e após
O pouco que duramos.*¹³

A análise que Sêneca¹⁴ faz do oráculo de Delfos é exatamente esta. “CONHECE-TE A TI MESMO” diz respeito à tomada da consciência pelas pessoas de que são mortais e, por isso, com limites, o que as leva a atingir o conhecimento pleno de si próprio.

*“Em paga nobre desta fé que temos
na exilada verdade dos seus corpos
nos dão o alto prêmio
de nos deixarem ser”*

Paganismo

O paganismo clássico também faz parte da retórica de Ricardo Reis.

¹³ Odes. P34

¹⁴ Sêneca, Sobre a Brevidade da vida

*"O deus Pã não morreu,
cada campo que mostra
aos sorrisos de Apolo
os peitos nus de Ceres-
Cedo ou tarde vereis
Por lá aparecer
O deus Pã, o imortal.*

*Não matou outros deuses
O triste deus cristão.
Cristo é um deus a mais,
Talvez um que faltava.
Pã continua a dar
Os sons de sua flauta
Aos ouvidos de Ceres
Recumbente nos campos. (...)" 15*

No poema acima afirma-se a existência de vários deuses, inclusive a de Cristo, que não é negada, mas colocada no paganismo tardio de Reis como integrante de um grupo pré-existente de divindades, 'O deus triste' que faltava ao panteão.

*"Não a ti, Cristo, odeio ou te Não quero.
Em ti como nos outros creio deuses mais velhos
Só te tenho por Não mais nem menos
Do que eles, mas mais novo apenas.*

*Odeio sim, e a esses com cama aborreço
Que te querem acima dos outros teus iguais deuses.
Quero-te onde tu stás, nem mais alto
Nem mais baixo que eles, tu apenas. (...)" 16*

Trabalha com o mesmo tipo de imagens do universo mitológico religioso greco-latino, no qual os deuses não prestam atenção ao homem e nem o protegem das parcas.

"Sob a tutela

¹⁵ Odes, p. 19

¹⁶ Odes, p.72

de *deuses* descuidosos,
quero gastar as concedidas horas
desta fadada vida.

Nada podendo contra
O ser que me fizeram,
Desejo ao menos que me haja o Fado
Dado a paz por destino.

Da verdade não quero
Mais que a vida; que os deuses
Dão vida e não verdade nem talvez
Saibam qual a verdade.”¹⁷

Pois, assim como no pensamento clássico, os deuses estão abaixo do destino, subjugados a ele:

“...
Como acima dos deuses o Destino
É calmo e inexorável,
Acima de nós-mesmos construamos
Um fado voluntário
Que quando nos oprima nós sejamos
Esse que nos oprime,
E quando entremos pela noite dentro
Por nosso pé entremos.”¹⁸

Uma vez que contraria o pensamento clássico de que é covarde o que não participa de guerras e batalhas, socialmente vergonhosos para as famílias e para a nação. Este amor à pátria acima de tudo e o heroísmo de morrer lutando pela terra e pelo povo, assim como qualquer amor, contrariam o seu inerente e característico desapego, e por isto é negado por Ricardo Reis :

“Prefiro rosa, meu amor, à pátria”

¹⁷ Odes, p173

¹⁸ Odes, p 41

E afinal, negando a paixão, o amor exacerbado, ele se aproxima da ataraxia. Ricardo Reis, não só nega todas as paixões que o afastam do ideal atarácico, como demonstra um desapego a tudo que não conduz a ele, o que é peculiar ao paganismo estóico.

*“Segue o teu destino,
rega as tuas plantas,
ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias.*

*A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre
Iguais a nós – próprios
... ”¹⁹*

*“Tudo, desde ermos astros afastados
A nós, nos dá o mundo.
E a tudo, alheios, nos acrescentamos,
Pensando e interpretando.
A próxima erva a que não chega basta,
O que há é melhor.”²⁰*

O conceito clássico de beleza, no qual tudo o que é verdadeiro é bom e belo. Então era muito comum que para que fossem retiradas as máscaras que normalmente as pessoas usavam, fosse utilizado o vinho, que além de deixar as pessoas verdadeiras, suavizava a brevidade das coisas.

*“...
Apague o gosto às horas,
Como a uma voz chorando
O passar das bacantes.*

E ele espera , contente quase e bebedor tranqüilo,

¹⁹ Odes, p 68

²⁰ Odes, p136

*E apenas desejando
Num mal tido
Que a abominável onda
O não molhe tão cedo.”²¹*

Por que escrever ?

“Em seus poemas (de Ricardo Reis) repetem-se verbos no imperativo, o que sugere que o seu discurso fala de desejo e não de vivência. Pretende convencer o outro, mas também precisa dessa pedagogia, o que indica que o seu descentramento de si mesmo é um artifício irônico e uma busca de solução para o fato de não ter ele um ponto de referência, de certeza em que se apoie”²². Ainda se vê uma possível influência do também clássico Alberto Caieiro na poesia de Ricardo Reis, pois este, assim como o primeiro, não questiona a sua própria existência.

“Os deuses são deuses porque não pensam”

A busca pela inconsciência como condição de felicidade, causada, provavelmente, pelo descentramento do homem na realidade existencial do séc. XX, leva o poeta a se exilar do universo cultural numa ordem natural, propondo a fuga para o antigo:

*“à beira-rio à beira-estrada
conforme calha
sempre no mesmo
leve descenso
de estar vivendo”²³*

Assim o poeta tenta acalmar a sua alma pela poesia.

²¹ Odes, p33

²² Meller, Vilson Brunel e Pinto, Sérgio de Castro. Fernando Pessoa Estudos Críticos Associação Federal da Paraíba. João Pessoa-Brasil. 1985 . Artigo :*Simulacro e Consciência irônica em Fernando Pessoa de Lélia Parreira Duarte*

²³ Odes, p 13

Referências Bibliográficas:

- Montalvor, Luís de . Odes de Ricardo reis. Coleção Poesia (IV). Editora Ática , Lisboa. 1981
- Meller, Vilson Brunel e Pinto, Sérgio de Castro .Fernando Pessoa Estudos Críticos Associação Federal da Paraíba. João Pessoa- Brasil. 1985
- Lind, Rudolf Georg e Coelho, Jacinto de Prado. Páginas Íntimas e de Auto Interpretação- Fernando Pessoa. Ática. Lisboa
- Achcar, Francisco. Lírica e Lugar-comum alguns temas de Horácio.E sua presença em português. Edusp. SãoPaulo.1994
- Pessoa, Fernando. Galaxy of Poets. Lisboa. 1985
- Pereira, Maria helena da Rocha . Novos Ensaios sobre temas Clássicos na poesia Portuguesa. Imprensa Nacional.
- Rebello, Luís de Sousa. . A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa. Horizonte Universitário. Lisboa.1982
- Fernando Pessoa: as muitas águas de um rio. Pioneira: novos umbrais. Editora da universidade de São Paulo- São Paulo. 1987
- Lind, Georg Rudolf. Estudos sobre Fernando Pessoa. Estudos Portugueses. Imprensa Nacional.
- Diversidade e Unidade em Fernando pessoa. Quarta edição.Editorial Verbo. Lisboa-1980
- Seabra, José Augusto .Fernando Pessoa ou a Poetodrama. Estudos/Crítica. Editora Perspectiva. Segunda edição. São Paulo-1991
- Simões, João Gaspar. Vida e obra de Fernando Pessoa - História de uma Geração . Livraria Bertrand- Segunda Edição
- Nery, Pe. J. de Castro. Evolução do Pensamento Antigo. Segunda Edição. Livraria do globo
- Nicola, José de. Infante, Ulisses. Como ler Fernando Pessoa. Editora Scipione. Terceira Edição. São Paulo.[19-]
- Pessoa, Fernando. Ficções do Interlúdio/2-3 Editora Nova Fronteira.
- Quesado, José Clécio Basílio. O constelado de Fernando Pessoa- A objetivação da subjetividade em, Ricardo reis. Imago Editora. Rio de Janeiro. 1976
- Guntert, Georges. Reconciliação Estética num mundo irreconciliável: Ricardo Reis. S.[19-]